

Gabriel Elias dá início a 'Trpical', sua nova turnê



PÁGINA 3

Nicolas Cage leva 'The Surfer' à Mostra de SP



PÁGINA 4

Fernanda Torres: 'Ainda Estou Aqui' já um vencedor



PÁGINA 7

2º CADERNO

Navegar (sempre) é preciso

Fadista Carminho reforça laços entre a música portuguesa e a MPB ao gravar 'Argonautas', de Caetano Veloso em EP produzido em Chicago

Por Affonso Nunes

O fado e a MPB são gêneros musicais com uma rica história de interação. Vide o estupendo álbum de Amália Rodrigues com Vinicius de Moraes, os flertes de Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Marisa Monte, Zeca Baleiro e Fafá de Belém com o estilo português. Do lado lá, além da grande Amália, nomes como Sergio Godinho, Carlos do Carmo, Pedro Abrunhosa e António Zambujo fazem declarações do amor à nossa música. E essa sucessão de influências mútuas e colaborações ganha nova página com Carminho. Uma das grandes vozes portuguesas contemporâneas, acaba de lançar EP em que gravou a clássica "Argonautas", de Caetano Veloso, com a participação do baiano em dueto de rara beleza e encanto.

"Argonautas" é conhecida pelos versos "Navegar é preciso / viver não é preciso", que

remonta a um poema de Fernando Pessoa, como destaca Caetano. "Tem uma música que Bethânia me pediu para fazer em 1968, com as frases "navegar é preciso/ viver não é preciso", que ela tinha encontrado num texto de Fernando Pessoa. A frase remonta à Grécia Antiga... O Fernando Pessoa atribui aos argonautas e eu botei o título "Os Argonautas" por causa de Fernando Pessoa", disse Caetano em depoimento citado nas redes sociais de Bethânia. A cantora gravou a faixa e Caetano também o fez em seu álbum de 1969.

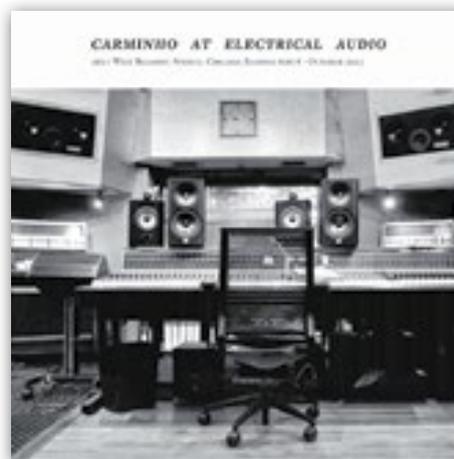
Voltando a carminho, seu EP tem o nome de "Carminho at Electrical Audio". O título em inglês remete ao estúdio do lendário produtor americano Steve Albini (falecido em maio), na cidade de Chicago.

A fadista relembra a amizade com Caetano e a inclusão da música no EP. Os dois já tinham gravado "Você-Você", do baiano, a partir de uma discussão sobre a Língua Portuguesa e os diferentes usos das palavras nos países lusófonos. Em 2023, quando foi a Lisboa com a turnê do álbum "Meu Coco", Ca-



Acervo pessoal

Carminho e Caetano já haviam gravado outra faixa juntos: 'Você-Você', do álbum 'Meu Coco', o trabalho mais recente do baiano; abaixo, a capa do EP



tano convidou Carminho para subir ao palco do Coliseu dos Recreios. Juntos cantaram "Você-Você" e também "Os Argonautas", a pedido dela.

"Essa música é cativante não só pela beleza da letra e da melodia, mas pela relação com os versos de Fernando Pessoa. O tom nostálgico, que evoca Portugal de outros tempos, me fascinou. Caetano sugeriu que eu gravasse essa canção e foi o que fiz, com guitarra portuguesa. Ele colocou voz mais tarde, selando esse EP com seu talento, sua voz e sua generosidade", comemora a fadista.

Ao receber a gravação, Caetano foi só elogios: "Sinto-me honrado de ter essa canção minha interpretada de maneira tão bela, que me emociona fundo. Orgulho-me de cantar ao lado dela como quem assina a autoria".

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Adriano Vizoni/Folhapress



Paul durante show da última turnê no Brasil

Conheça as canções que Paul McCartney mais tocou no Brasil

Não é preciso uma análise muito aprofundada da lista das músicas mais tocadas por Paul McCartney em seus shows no Brasil, desde 1990, para perceber a predominância de canções da fase madura dos Beatles e do início da nova jornada do artista após a separação da banda.

Com a apresentação em Flo-

rianópolis no último sábado (19), Paul completou 40 apresentações solo no país. Entre as 20 músicas no topo da lista, 13 foram lançadas entre 1968 e 1970.

Dessas, apenas uma, “Maybe I’m Amazed”, é de sua carreira solo. É uma das faixas de sua estreia sozinho no excelente álbum “McCartney”, de 1970.

Ringo country

Falando em Beatles, Ringo Starr vai lançar um novo álbum de música country, “Look Up” em janeiro. Serão 11 canções inéditas gravadas em Nashville, a capital do country, e Los Angeles. O single “Time On My Hands” chegou ao streaming.

Feira de arte

A Ava Galleria (Finlândia) promove exposição com artistas brasileiros e finlandeses na International Art Fair Carrousel du Louvre, evento que reúne em Paris cerca de 5 mil mil artistas plásticos de vários países. A curadoria é de Edson Cardoso.

Ringo country II

O amor do músico pelo country tem sido evidente ao longo de sua carreira. Ele tocou e compôs várias músicas country e com toques country durante seus anos com os Beatles e gravou em 1970 o álbum “Beaucoups of Blues”, seu trabalho solo.

Arte periférica

Em cartaz no Sesc São Gonçalo, a exposição “O Meu Lugar” traz a ressignificação do subúrbio carioca, da Baixada Fluminense e outras regiões periféricas através da obra de nove artistas visuais. A curadoria é da dupla Julia Baker e Rafael Amorim.



Carminho no estúdio Eletrical Audio, em Chicago, onde gravou seu mais novo EP. As quatro faixas do trabalho foram gravadas no mesmo dia

Os sentimentos que transbordam a cada faixa

O EP “Carminho at Eletrical Studio” traz ainda três canções de autoria da própria artista. São elas “Deixe a Casa”, “Não Olhes nos Meus Olhos” e “Gota de Água” (esta última em parceria com António Gedeão). Os sentimentos transbordam em versos como “Eu, quando choro, não choro eu / Chora aquilo que nos homens / em todo o tempo sofreu / As lágrimas são minhas / mas o choro não é meu”, diz, por exemplo, a letra de “Gota de Água”.

Expoente do fado contemporâneo, Carminho conquista o ouvinte com sua voz envolvente e músicas de natureza emotiva. O seu trabalho reforça a ligação de duas culturas que se entrelaçam há mais de 500 anos, não apenas pelo idioma, mas por sentimentos em comum.

Filha da também fadista Te-

resa Siqueira, a cantora de 40 anos é uma das responsáveis por trazer um frescor ao gênero desde o final dos anos 2000.

Carminho tem uma relação de longa data com o Brasil. Ela conta que veio ao país pela primeira vez em 2003, aos 19 anos, de navio. Em quase duas décadas de carreira, lançou seis álbuns de estúdio e gravou ao lado de nomes como Chico Buarque, Marisa Monte e Milton Nascimento.

Em 2016, a fadista recebeu um convite da família Jobim para gravar “Carminho canta Tom Jobim”, com a banda que acompanhou o maestro nos seus últimos 10 anos de vida. Já o álbum “Portuguesa”, de 2023, incluiu parceria dela com o ex-Los Hermanos Marcelo Camelo (que hoje vivem em Portugal) em “Levo o Meu Barco no Mar”.

O novo EP foi gravado em outubro de 2023, num dia de folga

da cantora durante sua turnê pelos Estados Unidos. Ela já conhecia Steve Albini como produtor de Nirvana, Pixies e PJ Harvey, entre outros artistas. Nas palavras de Carminho, Albini explorou o “lado punk” de sua personalidade musical. Os músicos de sua banda tocaram instrumentos como melotron, lap steel e guitarra elétrica (que a fadista já tinha incorporado ao álbum “Portuguesa”).

“A magia musical do Albini permeia este EP. Ele soube captar a intimidade e o nosso momento no estúdio, como se estivéssemos cantando numa casa de fados. Houve uma forte empatia entre nós. Ele compreendeu a musicalidade do fado, mesmo sem nunca ter gravado algo do gênero. Soube capturar os timbres e a sonoridade de cada instrumento. Isso gerou uma dinâmica muito boa entre os músicos no estúdio”, lembra Carminho.

Gabriel Elias dá largada de sua nova turnê

Expoente do novo reggae brasileiro, artista mineiro mescla novidades e sucessos nos shows de 'Tropical'

Com um show na Casa Natura, em São Paulo, no último sábado (19), Gabriel Elias deu início a sua nova turnê, "Tropical". O cantor, conhecido por sua sonoridade que mistura reggae com a vibe praiana, promete um show marcado por uma fusão de ritmos e um repertório que traz tanto canções inéditas quanto os grandes sucessos de sua carreira.

Expoente do reggae mineiro, ele se inspira nas paisagens tropicais e no estilo de vida à beira-mar para construir seu novo espetáculo que é

um convite para se desconectar do ritmo frenético da vida urbana e se reconectar com o que há de mais puro e essencial.

No palco, Gabriel Elias combina faixas novas e consagradas, incluindo hits como "Pequena Flor", "Fiz Esse Som Pra Você" e "Somos Instantes". Esses sucessos fazem parte de uma trajetória marcada pela fusão do reggae com elementos da MPB, além de referências da música pop.

"Este álbum que mira muito em trazer a galera do reggae ainda mais para perto e mostrar que a



Victor Castro/Divulgação

Vivendo em Bertiooga, no litoral paulista, Gabriel Elias leva elementos da surf music para o seu reggae

gente também está aqui para vestir essa bandeira que merece ser muito levantada em nosso país. Mas, claro, é um projeto não só para o meu público, mas para cada um que sabe a grandeza de viver um momento de evolução como ser humano, com mais maturidade", pontua.

"Tropical", o novo álbum do cantor, nasceu em um momento muito especial e significativo para o músico: uma viagem de veleiro por ilhas paradisíacas com duração de 12 dias - sem internet e em um local onde o silêncio era soberano, onde o luxo era acordar na natureza, po-

der mergulhar em águas cristalinas e repensar o estilo de vida. Foi neste período que Gabriel Elias trocou a capital paulista pela reserva natural de Itaguapé, pertencente a Bertiooga, na Baixada Santista, e passou a se dedicar ao surf. A própria capa, fotografada por Victor Castro, reflete o tema do disco.

"Voltar a fazer um álbum de reggae, o que eu não fazia desde o Solar (2016), era algo que eu queria há tempos. Agora que cheguei aos 30 anos, só tenho gratidão pela trajetória que construí e sinto que posso ser um cara importante neste lugar. O reggae é uma verdade muito grande para mim, independente das dificuldades midiáticas ou de aceitação em fazê-lo no Brasil. O conceito dele me soa como algo sensível. Penso em cair no mar, em tomar água de coco gelada numa sombra embaixo de um coqueiro em um dia de verão. O tropical para mim é muito mais do que o clima. É um estado de espírito, é conexão com a natureza, é a liberdade de ser e estar", explica.

UNIVERSO SINGLE

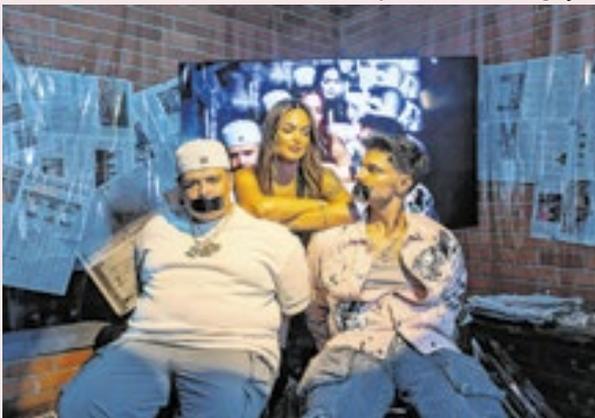
POR AFFONSO NUNES

Influências latinas

Depois de seu terceiro álbum de estúdio, "One Thing At A Time", ter recebido o certificado de platina sétupla pela RIAA, Morgan Wallen dá a primeira amostra de seu próximo projeto, lançando o single "Love Somebody". "A canção tem uma abordagem um pouco nova em termos de letra e som", conta Wallen. "Eu queria tentar algo diferente com o que eu queria falar e como eu queria que soasse; fomos inspirados por influências latinas. Estou muito empolgado com essa música e animado com seu lançamento."

Divulgação

Felipe Thomaz/Divulgação

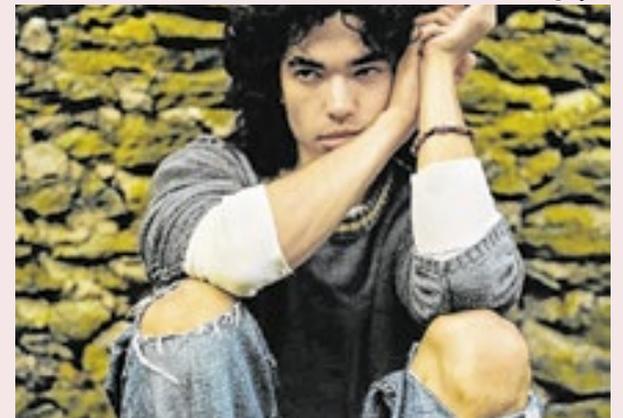


Versão MTG

Kelly Key embarca no mundo das famosas MTGs e relança seu sucesso "Cachorrinho". A faixa foi repaginada para a sonoridade funk e ganhou novos versos em parceria com os produtores Davi Kneip e DJ 2F. Quem estrela o videoclipe da MTG "Cachorro Infel (Cachorrinho)" é Suzanna Freitas, filha da cantora Kelly Key, que dubla a música e protagoniza cenas divertidas com Davi Kneip e DJ 2F. A canção foi regravada com vocais atuais de Kelly Key e mudança de um verso da gravação original, que chega como resposta da persona masculina, foi escrito e interpretado por Davi Kneip.



Divulgação



Cantando a amizade

Conan Gray lança em todos os aplicativos de música seu novo single, intitulado "Holidays". "Na verdade, 'Holidays' é uma música sobre amizade", comenta Conan Gray sobre o novo single. "Os feriados sempre foram um momento agrídoce para mim... as músicas sentimentais, as famílias e todas as expectativas. Acima de tudo, é sobre testemunhar a passagem do tempo. Reencontrar velhos amigos e perceber que talvez vocês estejam apenas se atualizando para sempre. Que você nunca mais terá 17 anos, morando na mesma cidade, esperando o fim das férias".



Nicolas Cage conseguiu o aplauso entusiasmado de Cannes com 'The Surfer'

Nas ondas de Nicolas Cage

Em meio a uma fase de consagração graças ao fenômeno 'Longlegs', astro roda os festivais de cinema com o thriller 'The Surfer' e é redescoberto pelo streaming, conquistando aura de cult

circuitão americano e à cena dos festivais (com "The Surfer") fez com que um cult recente da carreira do ator, considerado por parte da crítica seu melhor trabalho nos anos 2010, fosse redescoberto pelas plataformas de streaming: "Mandy – Sede de Vingança" (2018). É possível vê-lo hoje na Amazon Prime, por aluguel ou compra.

Afogado em dívidas por conta de um acordo de separação que lhe custou milhões de dólares, Cage vinha no piloto automático há anos, somando um filme ruim atrás do outro, até "Mandy" aparecer. Embora seja B (de bruto) até o osso, com litros de sangue a espirrar pelas telas, o thriller sobrenatural de Panos Cosmatos foi ovacionado por público e crítica no 71º Festi-

val de Cannes, onde foi exibido na mostra Quinzena de Cineastas. Sua sanguinolência é gourmetizada por uma fotografia de alto requinte, capaz de valorizar as cores berrantes de sua linguagem de videoclipe até gerar uma experiência sensorial rara.

Cage, que vinha em estado de letargia, dá uma performance em estado de graça, doida, selvagem como fazia nos tempos de "A Outra Face" (1997), num tempo em que reinava sob Hollywood. "Existem sofrimentos em todo personagem e é isso o que me atrai na arte de atuar: dar voz a essas cicatrizes", disse Cage, lá atrás, em 1996, quando ganhou o Oscar por "Despedida em Las Vegas".

Ele retomou o discurso com

"Mandy", que ganha uma sobrevivência mundo afora depois da boa aceitação de "Longlegs – Vínculo Mortal" e "The Surfer". Todos querem Cage em papéis enraivecidos.

À época da passagem de "Mandy" por Cannes, ele não foi à Quinzena, mas fez um discurso existencialista similar nas sessões desse filmaço no Festival de Sundance, nos EUA. No longa de Cosmatos, ele é um serralleiro cuja companheira é morta por uma seita hippie que cultua o Mal. Há integrantes dessa igreja com feições de monstro, mas ao escapar deles, Cage vai partir para uma vingança usando um machado de prata e uma serra elétrica sedenta pelos coágulos alheios. Falando assim... parece um filme trash... e é... mas um trash de

autor, com um requinte plástico que muitos longas-metragens europeus ou asiáticos de Cannes não têm.

"Eu passei toda a adolescência jogando RPG, lendo HQs, vendo filmes B e ouvindo heavy metal. Isso acabou saindo em 'Mandy', brotando de dentro de mim", disse Cosmatos ao público da Quinzena de Cannes, que aplaudiu seu longa umas seis vezes durante a projeção. "Há algo de muito pessoal nesse filme: pois escoo por ele a dor da morte do meu pai. Comecei a escrever o roteiro em 2006, um ano depois que ele morreu".

Morto em 2005, o pai de Panos é ninguém menos do que George Pan Cosmatos, diretor de iguarias do cinema de ação como "Stallone Cobra" (1986), recentemente exibido (e debatido) na Cinemateca Francesa, em Paris.

O desenho do personagem de Cage é similar aos dos heróis politicamente incorretos daquele tempo. Marola similar o cerca em "The Surfer", que há de subir as taxas de adrenalina nas veias da Mostra.

Hoje, nas plataformas de streaming ao alcance de um clique do público brasileiro, é possível curtir os faniquitos selvagens de Cage em "O Espelho" (2020), de Tim Hunter, na Amazon Prime, e em "Sangue no gelo" (2013), de Scott Walker, na Netflix.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Entre os muitos momentos enervantes do thriller "The Surfer", em exibição na Mostra de São Paulo nesta segunda, às 13h, no Cinesystem Frei Caneca, nada cria mais angústia do que uma sequência de brutalidade envolvendo um copo de café, quando seu protagonista, um sujeito sem nome vivido por um endemoninhado Nicolas Cage tenta dar um golinho na bebida quente após uma excursão por um inferno feito de areia.

Sob a direção tensa de Lorcan Finnegan, esse suspense – que terá mais uma projeção em SP na terça, às 17h45, no Espaço Augusta – ganhou uma salva de aplausos consagradora em sua estreia internacional, no Festival de Cannes, em maio. A Croisette matou as saudades de ver Cage em sua telona mais nobre, a do Palais des Festivals, onde ele apareceu tentando pegar onda na Austrália, cercado por valentões.

Por onde passa, essa trama sobre a cultura do surfe arrebatava fãs. Sua carreira começou ao mesmo tempo em que seu astro renovou sua popularidade ao estrelar "Longlegs – Vínculo Mortal", que se transformou no maior êxito recente de sua carreira, com quase US\$ 110 milhões em sua arrecadação.

Comparado a "O Silêncio dos Inocentes" (1991), essa produção de Osgood Perkins escala o astro de 60 anos no papel de um serial killer assombroso, apelidado por si mesmo de Longlegs, que é caçado pela agente do FBI Lee Harker (vivida por Maika Monroe). O desempenho de Cage arrancou elogios em uníssono da crítica internacional.

Seu regresso aos holofotes do

ENTREVISTA / PEDRO DIÓGENES, CINEASTA



'Para quem vive de arte, são sempre muitos 'não' para pouco 'sim''

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Colecionando holofotes internacionais graças à potência de filmes como "Pajeú" (exibido no FIDMarseille, na França) e arrebatando plateias locais com engenhos afetivos como "A Filha do Palhaço" (2022), Pedro Diógenes é parte de uma geração que desenhou a relevância estética do Ceará na telona. Esse redesenho se deve a experimentos poéticos capazes de rastrear identidades territoriais e transcende-los. Em 2010, a Mostra de Tiradentes (MG) foi tomada de assalto pelo cineasta, e seu coletivo, o Alumbramento, a partir do qual ele, Guto Parente e os irmãos Luiz e Ricardo Pretti cunharam o seminal "Estrada Para Ythaca". Outras pérolas foram lapidadas por esse grupo. Depois, Diógenes seguiu em voos solo até arriscar um rasante com o comovente "Centro Ilusão", que lhe rendeu o prêmio de Melhor Filme na seção Novos Rumos do Festival do Rio. Um júri de tarimba, presidido pelo roteirista Lucas Paraizo (de "Aos Teus Olhos"), coroou a desenvoltura com que Diógenes vasculha a cena musical cearense ao retratar (re)educações sentimentais.

Na noite desta segunda-feira, às 21h40, "Centro Ilusão" será exibido na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, no Reserva Cultural 2. Em cena, dois músicos de gerações diferentes se conhecem em uma audição para um concorrido laboratório de música na cidade de Fortaleza. Tuca tem 50 anos e se sente frustrado com sua carreira. Kaio, de 18 anos, é um aspirante a artista que deseja fazer sucesso com suas próprias composições. Tentando conquistar essa vaga importante, os dois jogam suas esperanças e sonhos na possibilidade de serem aprovados.

Tem mais uma sessão de "Centro Ilusão" na Mostra de SP no dia 29, às 13h, no Reserva Cultural. Na entrevista a seguir, Diógenes fala ao Correio da "cearensidade" de sua trama.

Qual é o espectro geracional de Forta-



O realizador Pedro Diógenes, premiado por 'Centro Ilusão'

leza que você percorre a partir dos personagens Kaio e Tuca e o quanto esse registro de tempos e de modos de viver espelha o teu Ceará?

Pedro Diógenes: O filme "Centro Ilusão" nasce de questões bem pessoais e as crises e sonhos dos personagens se assemelham muito com as angústias e alegrias de qualquer um que vive de arte no Ceará... e no Brasil. Quem vive de arte tem que passar por muitas aprovações e são sempre muitos "não" para pouco "sim".

De que maneira a questão da amizade (dos encontros) delinea o seu modo de fazer cinema, o teu objeto narrativo?

Pensando nos filmes que realizei, consigo perceber que todos são filme de encontros. São narrativas que apostam na potência do encontro. O tanto que um encontro pode modificar nossos caminhos. Acho que a questão do encontro está não só na narrativa como também na estética. Os filmes também são encontros entres linguagens ou estéticas. "Inferninho" é o encontro do cinema com teatro; "Pajeú" é o encontro do documentário com ficção; "A Filha Do Palhaço" é um encontro entre cinema e o humor; e o "Centro Ilusão" é o encontro entre cinema e música.

Como funciona o teu desenho de luz numa narrativa que se propõe mais inti-

mista?

Para construir o desenho de luz, eu conto com a parceria do fotógrafo Victor de Melo, que trabalha comigo desde que comecei a fazer a cinema. No "Centro Ilusão", a ideia sempre foi estar próximo dos atores e acompanhar de perto o nascimento dessa relação entre os personagens. Apostamos em dois caminhos diferentes de luz: nas cenas diurnas (no Centro de Fortaleza), a aposta foi na luz do sol, sem equipamentos de luz artificial. Já as cenas noturnas, a ideia era apostar numa construção maior da luz, um desenho menos realista.

Qual foi a cena musical da sua formação? O que existe de mais cearense nela?

Sou um apaixonado por música e ela sempre fez parte da minha vida. Tive uma fase roqueiro, depois uma fase MPB, daí uma fase de música experimental... mas sempre muito influenciado pela música cearense. Sempre ouvi muita música do Ceará, seja coisas mais clássicas como o Pessoal do Ceará (Fagner, Belchior, Ednardo, Teti, Rodger Rogério) e coisas mais contemporâneas, como Cidadão Instigado, Vitor Cozilos, Uirá dos Reis, Mateus Fazeno Rock, Clau Aniz, Di Ferreira. Para mim, é muito especial ter várias pessoas dessas duas cenas musicais cearenses participando do filme "Centro Ilusão".

Como você avalia hoje a produção de cinema no seu estado e de que maneira o governo local a ampara?

O cinema cearense vive um momento especial. Esse ano está muito importante para o cinema feito no Ceará porque, além de comemarmos os 100 anos da produção cearense, também tivemos um recorde de filmes lançados em circuito nacional. Foram oito títulos lançados. O cinema cearense está se tornando cada vez mais múltiplo e plural. O que é muito importante pois nosso estado é gigante e precisamos de múltiplas formas de sermos representados. Parte importante dessa diversidade do cinema cearense se deve aos cursos de formação do Ceara.

O que a vitrine da Mostra de SP dá a "Centro Ilusão"? Que planos você tem para o festival paulista? Quais os próximos passos para o seu filme?

Muito importante a possibilidade de exibir na Mostra de São Paulo. A Mostra faz parte da minha trajetória e vários dos meus filmes foram exibidos no evento. Com "Centro Ilusão", as exibições se tornam mais especiais pelo fato de o nosso ator Fernando Catatau morar há muitos anos na capital paulista.



Premiado em Cannes, documentário de Raoul Peck recupera a obra fotográfica de Ernest Cole

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

L aureado com o troféu L'Oeil d'Or, a Palma de Cannes para narrativas de não ficção, “Ernest Cole, Achados e Perdidos” vai engatar o Brasil numa discussão antirracista por meio de instantâneos fotográficos. Com sessão nesta segunda (21) na Mostra de São Paulo, às 17h40, no Reserva Cultural 2, o longa marca a volta às telas do diretor haitiano Raoul Peck, indicado ao Oscar por “Eu Não Sou Seu Negro”, em 2017.

Lá, ele rastreou intolerância pela via da literatura e, agora, parte de fotografias. Discretos, mas implacáveis no registro do racismo, os cliques feitos pelo sul-africano Ernest Levi Tsoloane Cole (1940-1990) hoje são documentos vivos das feridas geopolíticas deixadas



Divulgação

Exclusão desvelada

pelo Apartheid. Sua vida foi maculada pelo desrespeito e terminou nas raíais da pobreza, num processo de invisibilidade que hoje chega ao fim graças ao cinema. Cannes ajudou a consagrar seu nome com o trabalho de Peck. Agora é a vez das plateias paulistanas descobrirem sua arte, com direito a mais sessões do filme: tem uma no dia 24, às 19h, no Cinesystem Morum-

bi, e uma no dia 27, no Espaço Augusta 1.

“Eu conhecia algumas das fotos de Cole do tempo em que militei no comitê contra Apartheid, quando vivi em Berlim, mas os detentores dos direitos de sua obra me procuraram pedindo ajuda para a preservação dos retratos. Quando me debrucei sobre as fotos, fui entendendo que a história a ser contada estava nos

bastidores dela, como se fosse a câmera escura de revelação, onde se escolhe o que destacar num retrato”, disse Peck ao Correio da Manhã. “Cole não queria ser cronista da pobreza, mas sim um retratista da condição humana”. Cole deixou como chave para a decifração de sua obra no livro “House of Bondage”. E um legado de 60 mil negativos num cofre na Suécia, onde viveu depois de ter clicado evidências da violência racial em seu país, em tempos anteriores à libertação de

‘Ernest Cole, Lost and Found’ rendeu a láurea L’Oeil d’Or a Raoul Peck

Nelson Mandela. Esses cliques valeram a Cole uma relação azeda com as autoridades de sua nação, mas lhe garantiram espaço em revistas e jornais da Europa e dos EUA.

“Não quis investir num clima de thriller e ir atrás desse achado, de modo a valorizar esse arquivo secreto. O mais importante era dar voz a Ernest, entender o que se passou na cabeça dele ao sair da África do Sul e ir para Nova York. Eu sei o que é ser exilado e, portanto, posso imaginar o que ele sentia”, disse Peck, que convocou o ator LaKeith Stanfield para ser a voz de Cole no filme. “Era um dispositivo pra parecer que Ernest está narrando sua própria trajetória, como se estivesse vivo entre nós”.

Este ano, a Mostra terá um simbolismo extra para Raoul Peck, que receberá um troféu honorário do festival: o Prêmio Humanidade, uma honraria que celebra seu combate às injúrias raciais.

O QUE VER SEGUNDA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

SUJO, de Astrid Rondero e Fernanda Valadez (México):

Laureado nos festivais de Sundance e de San Sebastián, este thriller social à la “Cidade de Deus” acompanha o amadurecer de um garoto cujo pai é morto pelo envolvimento com cartéis criminosos. Adolescente, ele tenta refazer a vida e estudar, com a ajuda de uma professora idealista, mas o chamado da violência parece forte demais. Onde: Cinemateca Espaço Petrobras, hoje, 15h40



O CASO DOS ESTRANGEIROS (“A Stranger’s Case”), de Brandt Andersen (Jordânia):

Um drama coral que lembra “Babel” (2006), uma vez que o conflito de um segmento afeta o outro. Ganhou o Prêmio da Anistia Internacional pela forma feroz com que expõe a batalha de um grupo de pessoas para escapar da violência na Síria, incluindo uma médica e um soldado filho de um herói local. Um mercenário interpretado magistralmente por Omar Sy (“Lupin”) cruza o caminho de todos, com seu caráter nada louvável. Onde: Espaço Augusta 4, hoje, 17h30



ABRIL (“April”), de Dea Kulumbegashvili (Geórgia):

Retorno da cineasta às telas. Sua protagonista é uma obstetra, Nina, que trabalha numa maternidade no leste georgiano. Após um parto difícil, a criança morre, e o pai exige uma investigação sobre os métodos da médica. O escrutínio resultante ameaça trazer à tona a atividade paralela de Nina — dirigir pelo interior até as casas de meninas e mulheres grávidas para realizar abortos não autorizados. O filme rendeu à diretora o prêmio do júri do Festival de Veneza e o prêmio Zabaltegi-Tabakalera do Festival de San Sebastián. Onde: Reserva Cultural, hoje, 13h





Por **Pedro Sobreiro**

“Acho que o filme tem grande chance de estar entre os melhores filmes estrangeiros, estamos trabalhando para talvez outras categorias também. Esse filme já é um acontecimento para a gente. Ele já está no mundo”. Com essas palavras, Fernanda Torres - protagonista de “Ainda Estou Aqui” - comentou sobre as chances do longa de Walter Salles na cerimônia do Oscar 2025.

Fernanda, Salles e o elenco do filme - premiado como o melhor roteiro do Festival de Cannes - participaram de coletiva após sessão exclusiva para a imprensa realizada na última sexta-feira (18), em São Paulo.

A atriz roubou a cena com seu jeito divertido, mas sempre levantando questões pertinentes sobre o filme. A pergunta mais feita para quem já assistiu “Ainda Estou Aqui” é se o longa tem chance de ganhar o Oscar, e claro que Fernanda Torres não deixaria essa passar.

“A gente está na shortlist de coisas muito grandes. O tal do Oscar, né? Parece ser a fronteira final que nós temos que atingir a qualquer custo. O Oscar é muito importante por várias questões, mas ele também não é a medida de tudo, sabe? Tanto que, quando as pessoas falam no prêmio da mamãe [indicação ao Oscar em 1999], eu tento explicar que, quando um ator brasileiro falando português é nomeado, ele já ganhou. Pode estourar champanhe. Vai para lá sem expectativas, porque a gente sabe que não vai levar. Só de conseguir a indicação já está no lucro. Quero explicar isso para as pessoas já ficarem contentes, entendeu?”, comentou a atriz com bom humor. Já o diretor Walter Salles expli-



‘Ainda Estou Aqui’ está cotado para representar o Brasil na cerimônia do Oscar

Vitória mesmo sem o Oscar

Elenco de ‘Ainda Estou Aqui’ comenta sobre o sucesso mundial do novo longa de Walter Salles

cou que enxergou a família Paiva como um retrato do Brasil na época, que ainda sonhava com dias melhores, repletos de inovação, mas que tiveram essas esperanças roubadas pela ditadura. “O filme retrata não somente a memória pessoal da família do Marcelo [Rubens Paiva], mas também faz um retrato da história do Brasil ao

longo de várias décadas. Essa sobreposição entre pessoal e coletivo acontecem o tempo todo, desde o livro, mas acaba sendo potencializado pelo fato de que, nesse processo, o Marcelo descobre que sua mãe, Eunice, é a grande personagem central dessa história. Para o filme, somei minhas experiências e memórias pessoais da casa e da

família, porque tive a sorte de ser amigo da irmã do meio do Marcelo e vivi um pouco da família no Rio de Janeiro. E a família Paiva representava esse Brasil daquela época. Diversos grupos se misturavam naquela casa. Era um país que sonhava com o novo. Tinha novas arquiteturas, novas músicas, novas poesias. Era um país que tinha grandes expectativas e sonhos, que foram brutalmente interrompidos pela ditadura militar. A família Paiva é um microcosmo que representa esse Brasil perdido no tempo”, explicou o diretor.

Ditadura nunca mais

Como o filme fala sobre os horrores da ditadura militar, riz Fernanda destaca o papel social do filme neste momento. “Acho que o filme te coloca em meio a essa família que te conquista. Você fala: que gente ótima! Que Rio de Janeiro solar! Eu quero ser amigo deles, quero estar no meio dessa gente. E então, de repente, ele tira isso de você. E você sente, independente do seu credo político, que aquilo foi um gesto arbitrário. Aquelas pessoas não mereciam. Aquela menina de 15 anos não podia ser levada para o DOI-CODI. Você, sem

Divulgação

apelar ao discurso de questões políticas, faz qualquer um se identificar e dizer: ‘Isso é um gesto arbitrário. Eu não posso concordar com isso’. Então, acho que esse filme toca as pessoas em lugares que a gente não está acostumado a tocar, e faz isso com muita honestidade. E isso talvez seja bom, porque é uma forma de resistência de uma família através do afeto. E o mundo, hoje em dia, está com muita raiva. A gente está com medo de tanta coisa, de aquecimento global a achatamento salarial, as pessoas estão com raiva e medo. E esse filme convida a gente a se lembrar do afeto e do que um governo autoritário pode fazer com qualquer um, independente do viés político que ela acredite”, disse.

“Quando se abre mão dos direitos civis, o mundo fica meio kafkiano, em que qualquer um pode ser levado a qualquer momento. E isso não é bom. [...] É engraçado, porque temos uma geração de pessoas com 25, 30 anos, que nunca viveu a ditadura. Então, é muito difícil de explicar. Ao mesmo tempo, nesses 30 anos de democracia, muitos problemas não foram resolvidos. E isso criou um fenômeno em que parte desses jovens acredita que o problema talvez seja a democracia. E isso é perigosíssimo. Eu sei como é ruim viver em um país fechado, que praticamente te prendia ao país. Eu vejo jovens com crença na economia liberal que acham que um pouco de ditadura talvez desse jeito, mas eu tenho certeza que esses jovens não gostariam de viver no Brasil que eu vivi na juventude”, reforça Fernanda.

Já Selton Mello, claramente emocionado, comentou sobre como o projeto foi pessoal. “Sou amigo e fã do Marcelo [Rubens Paiva], então quis honrar essa memória dele do pai. E eu não o conheci, então tive que construir esse Rubens Paiva por meio das fotos e das memórias do Marcelo. E no final do filme, temos a personagem da Fernanda Montenegro com Alzheimer. E foi assim que eu perdi minha mãe há pouco tempo. Então, com o passar do tempo, esse filme foi ficando muito pessoal”, disse.

‘Ainda Estou Aqui’ chega aos cinemas brasileiros em 7 de novembro.

CRÍTICA / RESTAURANTE / CAJU GASTROBAR

Por Cláudia Chaves Especial para o Correio da Manhã

Um dos mais queridos amigos, o grande jornalista Carlos Lemos, tinha a receita de um sábado perfeito. Uma prainha, feijoca, soneca, um cineminha. E o resto por conta de cada um, pois uma coisa é uma coisa. Outra coisa é outro coisa. Um sábado recente, desses com o sol fresquinho, fomos eu e Teresa que adora feijoada para comer travessas de couve, fomos a convite de Raquel e Carmem, as eficientes assessoras da Documenta, comer a Feijoada do Caju Gastrobar, comemorando cinco anos.

Somos cariocas raiz e adoramos um samba, porque somos daquelas que dançam com o carrinho de supermercado. Ao som de nossos melhores, começamos pelos drinques e salgadinhos. Fomos de Melanina Carioca, ótima mistura de destilado de grãos maltados, mel, limão e finalização com farofa de mel. E para lembrar as tardes de cinema, provamos a batida, com xarope de pipoca e iogurte natural. Os dois se juntaram com perfeição à etapa seguinte.

Vem chegando O VERÃO



Divulgação

A feijoada do Caju Gastrobar chega em porção generosa

Gostamos de beliscar e repartir. Vieram os salgadinhos – nada mais carioca - Vaca Louca, Rabicó, Bolinho de Bacalhau, Coxa-Bamba e Croque de Carne, os nomes criativos se adequam ao diferencial dos temperos das carnes, ao ponto da fritura, crocâncias

com recheios cremosos. Não resistimos ao pastel de Moela de Pato, com o miúdo bem partidinho, cozidos, quase uma pasta de ótimo sabor.

Chegou aquela à que viemos. A feijoada é uma porção generosíssima que três pessoas compartilham com facilidade. A couve fresca e bem refogada, as carnes de boa qualidade, nada de gorduras excessivas, o feijão cremoso, temperado, o torresmo se misturando, o arroz branco solto e a farofa na medida. Vai-se devagar, coloca-se a pimenta, sente-se o feijão, os sabores.

De sobremesa, o pastel de doce de leite, comprido coberto de açúcar com canela e o criativo Brigadeiro de colher com flor de sal. Samba daqui, samba de lá, fãs incondicionais de Chico Buarque, saímos cantando “Feijoada Completa”, pois melhor sábado não há.

SERVIÇO

CAJU GASTROBAR

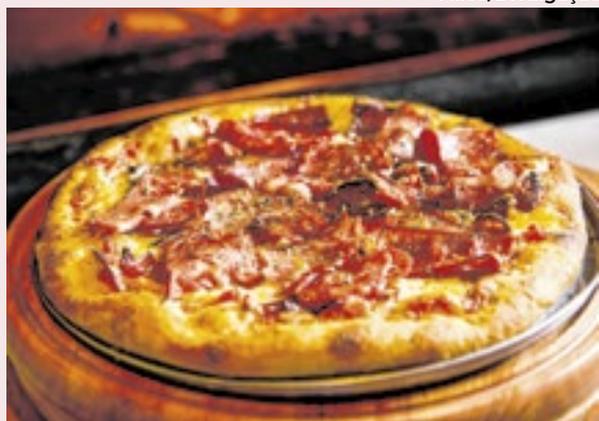
Praça Demétrio Ribeiro, 97 – Loja C Copacabana.

De segunda a quinta, domingos e feriados (11h30 à 0h) | sextas e sábados (11h30 à 1h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Filico/Divulgação



Festa do macarrão

No dia do Macarrão (25/10), o Cantón tem ótimas sugestões feitas na wok. Lo Mein de Frango – tirinhas de frango, mix de vegetais, broto de feijão e molho cantonês; Lo Mein de Carne – mix de vegetais, brotos de feijão e filé mignon só ponto no molho de cogumelos; Sahofan de Camarão macarrão de arroz agridoce, amendoim, coentro e broto de feijão; Mayfan Singapura - macarrão de arroz mayfan com curry, ovos, camarão, porco assado e vegetais; e o Cogumelos Noddles - yakisoba com cogumelos Paris, shitate, wanyi e mix de vegetais com toques de gengibre.

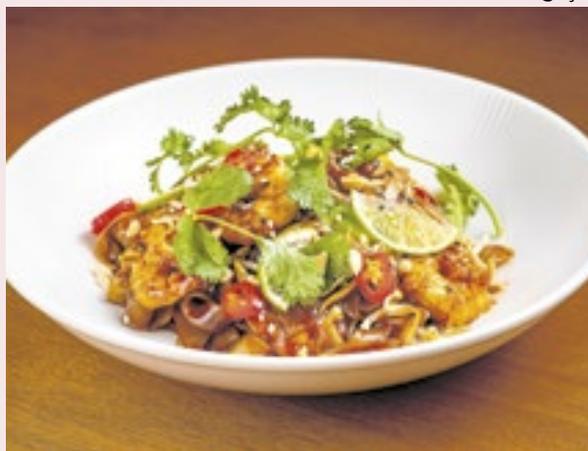
Divulgação

Rodrigo Galvão/Divulgação



Outubro Rosé

O restaurante Ráscal, na cobertura do shopping Leblon, realiza o Outubro Rosé, que reúne vinhos, música e ótimas opções gastronômicas, para chamar atenção sobre a campanha de prevenção do câncer de mama. Até o dia 27, o cliente pode optar pela boa gastronomia e vinhos, com mais de 200 rótulos, incluindo mais de 40 tipos de rosé de diferentes partes do mundo. As massas estão no cardápio de pizzas e raviólis que podem ser apreciadas com a programação musical, com músicas de Gal Costa, Beyoncé e DJ sets de nomes como Carol Emmerick e Tropicallly.



Clima carnavalesco

o Baródromo, sua inspiração nos enredos das escolas de samba, lança o menu carnavalizado com petiscos de Fabiana Cândido e coquetéis de Thiago Teixeira com as cores das escolas, glitter e plumas. O cardápio apresenta as 12 escolas do Grupo Especial nos coquetéis alegóricos e nos pratos temáticos, nos petiscos, desenvolvidos também por Felipe Trotta, o criador do bar, inspirados nos enredos do desfile de 2025. Os ensaios técnicos já começaram e acontecem todo domingo com roda de samba que apresenta o enredo de uma escola do Grupo Especial.